

Memorial até o concurso para titular na UFSC

Leonor Scliar-Cabral

Por sugestão de vários e queridos interlocutores, entre os quais a que mais de perto me tem acompanhado, Eleonora Albano Cavalcanti, nesse memorial, recuarei aos antecedentes mais remotos que explicam minha trajetória.

Cresci no seio de uma família marcada por duas tendências sempre presentes, o engajamento político e o culto às artes e à literatura. Recordo-me fielmente de que, na sala de jantar da casa de meus tios, em Passo Fundo, onde fomos morar, eu, com dois anos e meio e minha irmã quase com cinco, depois que minha mãe nos deixou, jazia solene, ao alto de um tripé de madeira, o busto de Kropotkin, o fundador da corrente anarco-comunista, no final do século XIX, na Rússia. A casa, à Av. Brasil, tinha à frente, um vasto salão que abrigava os móveis à venda, projetados e fabricados nas oficinas, aos fundos, por meu tio, Jaime. Numa saleta ao lado direito do salão, ficava o piano, no qual minha irmã Esther e minha prima Eva tocavam.

Ganhei o primeiro livro de histórias de meu primo Carlos Scliar que se tornou um dos maiores artistas plásticos do Brasil: foi *Histórias da Velha Totônia*, de José Lins do Rego, ilustrado por Santa Rosa e meu amor aos livros nunca mais parou. Em Porto Alegre, nas aulas de bordado, no Colégio Americano, que frequentei desde a 4ª série do Primário, ao invés de ficar bordando, como as demais crianças, eu era chamada para lhes contar as histórias que havia lido.

Voltando a Passo Fundo, aos domingos, Esther e eu, de mãos dadas, frequentávamos as matinés no único cinema, de frente à Praça Bento Gonçalves, onde passavam dois filmes. Então, a outra grande paixão, o cinema.

Quando eu tinha sete anos, meu pai casou de novo e fomos morar na Av. Bento Gonçalves. Eu comecei as aulas de piano e tocava com muita compenetração "O trenzinho".

Guardo desse período, uma das lembranças mais dramáticas, quando meu tio foi preso e minha prima Eva, que era professora primária no vilarejo Colônia Ernestina, foi afastada de suas funções por perseguições políticas.

Mudamos para Porto Alegre em 1937: era um lar judaico onde se cultivavam as tradições, com a racionalidade da descrença. Meu pai não perdia um noticiário radiofônico: às 7h30, às 13h e, à noite, depois do repórter Esso, escutava a BBC de Londres e a Rádio Moscou, em suas emissões em português ou espanhol. Na loja de tecidos, da qual era sócio, entre um e outro freguês que atendia, debruçado sobre um jornal, fosse ele em iídiche ou em português, acompanhava, avidamente, os acontecimentos mundiais.

Estávamos em pleno Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas. O livro patrioteiro *Através do Brasil*, de Olavo Bilac (2000), era obrigatório nas escolas e os hinos, como "Salve, lindo pendão da esperança", eram cantados por todas as crianças nos estádios de futebol, durante a Semana da Pátria, à moda nazista.

Mas, em 1939, eclode a 2ª Guerra Mundial. No início, Getúlio Vargas, cujo Estado Novo havia sido inspirado no modelo fascista de Mussolini e crente em que Hitler sairia vitorioso do embate, pendeu para o bloco denominado Eixo. Mas, por volta de 1942, os EUA, que necessitavam estabelecer bases no extremo do nordeste brasileiro, em Natal, para reabastecer os aviões de ataque, ofereceram a Getúlio, em troca, implantar a siderurgia nacional. Getúlio aceitou e foi assim que surgiu Volta Redonda.

Hitler revidou e, com a conivência da 5ª Coluna nazista que se organizara, particularmente nas cidades colonizadas por alemães, como Blumenau, em Santa Catarina, ao enviarem mensagens codificadas com a localização de navios brasileiros,

enviou submarinos que os torpedearam. Então, o Brasil declarou guerra ao Eixo, integrando os Países Aliados (Reino Unido, França, Estados Unidos e URSS) e mobilizando a Força Expedicionária do Brasil (FEB), enviada para lutar na Itália. Meu primo, Carlos Sciliar, se alistou como voluntário.

Ao término da 2ª Guerra Mundial, com a vitória dos Aliados, começou, no Brasil um movimento de massas pela redemocratização, pela anistia aos presos políticos e pela eleição de uma nova Constituinte. Então, aos quinze anos, engajei-me e acabei aderindo à Juventude Comunista. Por liderarmos a campanha por 50% de desconto nos ingressos ao cinema, minha colega Rosália Ferreira e eu fomos expulsas do Colégio Americano e acabamos concluindo o último ano do Curso Colegial, no Colégio Júlio de Castilhos.

Foi nessa ocasião que, ao ouvir o discurso inflamado do jovem Plínio Cabral, numa passeata pela rua dos Andradas (a mais importante de Porto Alegre), em favor da greve dos mineiros de S. Jerônimo, apaixonei-me perdidamente e acabei casando com ele, aos dezenove anos. Meu pai, por mais progressista que fosse, não podia admitir que a filha se casasse com um funcionário do Partido Comunista, que mal ganhava para sustentar a mãe e o irmão (com quem eu iria morar): emancipou-me para não ter que comparecer ao cartório e autorizar, com sua assinatura, o casamento.

Casei em julho de 1948. Em agosto, tranquei a matrícula no Curso de Ciências Sociais, na PUCRS, do qual frequentei apenas um semestre. No Vestibular da PUCRS, passei com o 1º lugar, mas fui obrigada a abandonar os estudos, pois tive que trabalhar da manhã à noite, dando aulas em cursinhos, para ajudar no parco orçamento doméstico. A situação durou até fins de 1948. No ano seguinte, nem mesmo os cursinhos quiseram se comprometer: passei a trabalhar unicamente para o PCB. Atuava na Frente Feminina e/ou no jornal *Tribuna Gaúcha*.

Foi um período duríssimo, em que meu marido, algumas vezes, viveu na clandestinidade, ameaçado de prisão. Tivemos dois filhos, Fernando e Régis e, em 1957, estava esperando meu terceiro, minha filha Éthel.

Um ano antes, Nikita Krushev, Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, ao final do XX Congresso, em 25 de fevereiro de 1956, havia relatado, em privado, para uns poucos, seu Relatório secreto, que estourou como uma bomba, algum tempo depois: nele, denunciava as atrocidades cometidas por Stalin, causando milhões de mortos em execuções sumárias ou pela fome e trabalhos forçados em prisões. As notícias chegaram ao Brasil mais tarde. No início, os militantes do PCB usaram o argumento de que se tratava de invenções da imprensa 'sadia', mas foi tudo confirmado pelo noticiário oficial da URSS.

Foi num momento crucial, fotografado em minha mente, com toda a nitidez, que tomei uma das decisões mais importantes de minha vida: com uma barriga de sete meses, que quase impedia a posição, estou acocorada, na área da pequena cozinha, empunhando um machado para rachar lenha (em nossa extrema pobreza, não tínhamos fogão a gás, era fogão a lenha, cuja chapa, depois do uso, era areada a muque, com esfregão de aço e lixa). Perguntei-me: "O que estou fazendo de minha vida?" Tomei, então, a decisão de voltar aos estudos e preparar-me para conseguir um trabalho em melhores condições. Enquanto me preparava, trabalharia no que aparecesse, para custear os estudos, mas, sobretudo, para que minha família saísse da miséria.

Bati em muitas portas para conseguir um emprego: alegavam qualquer pretexto, mas todos tinha receio de se comprometer, por causa de meu passado como militante. A saída foi vender livros de coleção. Trabalhei para a Brasiliense: não me era difícil convencer as pessoas a comprarem as obras de Monteiro Lobato e sobrava-me tempo para estudar língua e literatura latina e portuguesa, com os melhores professores de Porto Alegre. A

primeira compra que fiz, com os ganhos, foi uma capa de chuva Renner, para meu filho Fernando.

Optei por fazer dois vestibulares, um, para Direito, na URGs e outro, para o Curso de Letras, da PUCRS. O primeiro, não foi motivado por vocação e, sim, pelo fato de o Curso não exigir frequência obrigatória, incompatível com a necessidade de eu trabalhar para o sustento da família.

Trabalhei durante um ano, vendendo livros. Com minha dedicação ao estudo de língua e literatura latina e portuguesa, acabei me tornando a professora particular preferida em Porto Alegre, para preparar os candidatos ao vestibular que necessitassem de tais conhecimentos e foi assim, somente depois dos trinta anos que me direcionei prioritariamente aos estudos da linguagem verbal.

Ao ler o livro de Paul Chauchard (1957), *A Linguagem e o Pensamento*, no início da década de 60, do século passado, percebi que não se poderia entender como a linguagem verbal funciona, sem desvendar a estrutura cerebral e seu funcionamento que a sustentam. Como primeiro passo, organizei um grupo de estudos para receber tais conhecimentos de renomado neurologista, em Porto Alegre.

Por outro lado, a singularidade de a espécie humana ser a única capaz de produzir cultura, na qual a linguagem verbal é um dos pilares, foi fundamentada pela obra de Cassirer (s/d), *An essay on man*.

Mas o primeiro livro sobre linguística que li foi *Elementos de Linguística Geral*, de André Martinet (1964), recém traduzido para o português por J. Morais-Barbosa e publicado pela Livraria Sá da Costa. Embora só contemplasse duas articulações, a primeira que articula as unidades mínimas, dotadas de significado e a segunda que articula as unidades, consideradas por Martinet, mínimas, destituídas de significado, os fonemas, deixando de lado os traços invariantes, cuja articulação, a terceira, não é sequencial, a teoria de Martinet teve profunda influência sobre como concebo o funcionamento da linguagem verbal.

Minha formação formal em linguística começou em 1965, no Curso de Letras Português e Inglês da PUCRS, com a disciplina de Linguística, ministrada por Augustinus Staub, ainda usando batina de Irmão e muito entusiasmado, pois recém concluíra o mestrado nos Estados Unidos. Apesar de Chomsky (1965) já estar em sua segunda versão do modelo da GGT, Staub era um descritivista ferrenho. Outro professor que muito me influenciou, pois me revelou Mattoso Câmara Jr., de quem era fervoroso admirador, foi Celso Luft, à época, o Irmão Arnulfo, ainda usando batina (o que não impedia as paixões desencadeadas nas alunas, por seu charme e beleza, até que acabou casando com uma delas, Lia Luft).

Princípios de Linguística Geral de Mattoso Câmara Jr. (1964) foi meu livro de cabeceira. Tive o privilégio de assistir aos vários Cursos que ele proferiu antes de falecer, prematuramente, em 5 de fevereiro de 1970: nós, participantes do Instituto Brasileiro de Linguística, promovido pela ABRALIN, no verão de 1970, na Bahia, recebemos a notícia estarecidos.

Assisti aos Cursos sobre a estrutura fonológica e morfológica do português brasileiro (PB) que Mattoso Câmara Jr. proferiu em Montevideu, em 1965/66, no Instituto Linguístico Latino-americano, promovido por PILEI/ALFAL; na cidade de México, em 1968, no II Instituto Interamericano de Linguística, promovido pela ALFAL e em Porto Alegre, na PUCRS: as aulas são inesquecíveis pela teoria e conteúdos inovadores, pela arquitetura da exposição e pelo registro adequado de quem, como a maior autoridade brasileira em linguística, dirige-se a um público de estudiosos da linguagem verbal.

Em essência, preservo a descrição pioneira que Mattoso Camara Jr. (1953) realizou do sistema fonológico do PB em *"Para o estudo da fonêmica portuguesa"*, sua tese de Doutorado em Letras Clássicas na Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, depois expandida no livro *"Problemas de linguística descritiva"* (1969). Discordo apenas da existência das três consoantes nasais em posição de coda no PB e opto pela existência de cinco vogais nasais que, dinamicamente, em virtude da coarticulação, antecipam o ponto de articulação da consoante seguinte. O argumento decisivo é o de que não existe o fonema consonantal nasal velar no PB: trata-se de um ponto de articulação condicionado pela consoante seguinte, como em /'mãga/ e, para postular o arquifonema nasal [N], na posição de coda, como defendia Mattoso Camara Jr., a condição seria a neutralização da função distintiva dos traços de ponto de articulação de **fonemas**.

Devo muito a Mattoso Camara Jr. a descrição estrutural dos verbos, com a clássica fórmula T(R+VT)+SF(SMT+SNP)(FALCÃO UCHOA, 2004, p. 133), lida como: o tema resulta da adição da vogal temática (VT) ao radical (R), mais o sufixo modo-temporal (SMT), mais o sufixo de pessoa e número (SNP), ambos, morfemas cumulativos, como em "amávamos", em que am- é o radical, -á-, a vogal temática, amá-, o tema, -va-, o sufixo modo-temporal de pretérito imperfeito do indicativo e -mos, o sufixo número-pessoal da 1ª pessoa do plural.

Proponho a introdução das categorias de aspecto (A) no sufixo modo-temporal, que passa a ser SMTA, para dar conta da diferença de aspecto entre imperfeito e perfeito e a introdução da intensidade maior, assumida pelo suprafixo (SPF), que se superpõe à vogal, assinalando diferenças de modo, tempo e aspecto, como pode ser observado na oposição entre as 2ª/3ª pess. sing. do pres. do indicativo e o infinitivo na 1ª conjugação (a mais frequente entre as 3 conjugações): /'pula/ e /pu'la(R)/, ou entre pret.-m.-q.-perf. e fut. do indicativo: /pu'lara/ e /pula'ra/. A fórmula para a estrutura verbal do PB passa a ser: T(R+VT)+SF(SMTA+SNP+SPF) como em am+á+va+mos+'=amávamos.

Duas outras influências decisivas em minha formação linguística (dessa vez somente bibliográficas) foram o *Curso de Lingüística General* de F. de Saussure (1961), publicado por Bally e Sechehaye, com a colaboração de Riedlinger, na tradução do francês para o espanhol, com prólogo e notas de Amado Alonso; a outra influência foi *Teoría del Lenguaje* de Karl Bühler, na tradução do alemão para o espanhol, realizada por Julián Marías.

A edição argentina do *Curso* foi presente de um ex-aluno meu de latim e português, Eduardo Machado, e pavimentou minha visão linguística com os conceitos de valor, de forma e substância, da natureza psíquica das unidades linguísticas, da relação de reciprocidade entre significante e significado para formar o signo e de que na língua tudo se relaciona. De não menor importância, a inauguração de uma nova ciência, a semiologia, que se ocupa da vida dos signos no seio da sociedade.

O livro de Bühler tomei-o emprestado da biblioteca da PUCRS, quando aluna do Curso de Letras Português e Inglês: abriu-me o olhar para o funcionalismo, com o primeiro modelo, a partir das duas pessoas do discurso e da referência, sobre as funções da linguagem verbal, a expressiva, a apelativa e a representativa. Minha adesão ao funcionalismo sedimentou com as leituras de R. Jakobson (1987, p. 93) que, com sua abrangência (é clássico seu postulado em latim: *"Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto"*, ou seja, "Sou linguista: nada do que for linguístico o considero a mim alheio").

Já no 1º ano do Curso de Letras da PUCRS e, graças ao diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, consegui me matricular no 1º *Instituto Lingüístico*

Latinoamericano, promovido pelo PILEI/ALFAL, na Universidade da República do Uruguai, em fins de 1965 e janeiro/fevereiro de 1966, onde tive o privilégio de aprender fonética articulatória com Aryon D. Rodrigues, ter aulas com Luis Jorge Prieto, que acabou assumindo a cátedra de Saussure, em Genebra, com Norman McQuown, cuja monografia de final de disciplina foi "A linguagem como traço de humanização" (SCLiar-CABRAL, 1967b), além de, como ouvinte, assistir às aulas de J. Mattoso Câmara Jr. sobre estrutura do português e de Heles Contreras, que me introduziu à teoria de N. Chomsky.

Com os conhecimentos adquiridos das muitas leituras e das disciplinas do 1º *Instituto Lingüístico Latinoamericano*, senti a necessidade de disseminar para o grande público as informações básicas. Nada melhor do que o espaço de um jornal: consegui um espaço semanal no *Diário de Notícias*, que era um dos jornais de grande circulação no Rio Grande do Sul, ao lado do *Correio do Povo* e da *Folha da Tarde*. O primeiro artigo foi publicado em 16/10/1966 e o último em 27/08/1967. Da coletânea, resultou o livro *Introdução à Linguística* pela editora Globo, em 1973, que chegou à 7ª edição (revisada) em 1982.

Ainda como aluna do Curso de Letras, recebi o prêmio Esso de Literatura (SCLiar-CABRAL, 1967a) com o ensaio. *Em busca da poesia*, uma crítica aos teóricos brasileiros da poesia concreta.

Quero ressaltar nessa minha passagem pelo Curso de Letras, uma figura importantíssima na minha vida profissional e um grande amigo, o Irmão Elvo Clemente. Em 1967, junto com meu então marido, Plínio Cabral, fundamos a revista *Letras de Hoje* que, em 2020, chegou ao volume 55, número 2 (2020), de uma publicação regular e ininterrupta, durante 53 anos!

Em 1968, continuei minha formação pós-graduada no II Instituto Interamericano de Linguística, patrocinado pela ALFAL, no Museu Nacional de Antropologia, na capital México, quando fui aluna de Klaus Heger que ministrou Lexicologia e Semântica; de J. Alsop que ministrou o curso de morfologia pelo modelo da Tagmêmica e de J. Matluck, que foi o meu professor de entoação, cujas aulas depois me serviram para eu fazer toda a marcação dos padrões de entoação das mais de cinco mil transcrições de uma criança da minha tese de Doutorado. Continuei como ouvinte das aulas do professor J. Mattoso Câmara Jr.

Ao retornar do México, junto com o Irmão Elvo Clemente, organizamos o I Seminário de Linguística na PUCRS, por mim ministrado e, posteriormente, a Pós-graduação em Linguística, para a qual foram convidados Landon Lockett, Ph. D. e a Dra. Pasquès da Univ. de Buenos Aires, de cujos cursos, respectivamente, de GGT e realismo fantástico na literatura latino-americana me beneficiei.

Até 1971, quando nos trasladamos para São Paulo, com a nomeação de meu ex-marido, Plínio Cabral, como Diretor de uma agência de publicidade, ministrei, durante treze anos, aulas particulares de língua portuguesa e latina e respectivas literaturas, para preparar alunos para o vestibular à Universidade. Essas aulas aprofundaram meus conhecimentos sobre a estrutura das duas línguas e sobre como ensinar compreensão e produção textual, bem como conhecimentos literários. Tive alunos brilhantes, como Elisabete Sousa Lobo, Sônia Pilla, Flávio Loureiro Chaves, Tânia Carvalhal, Flávio Koutzi, Eduardo Machado, Marcos Faerman, Sheila e Cylon Silva, para só citar alguns.

Também ministrei a disciplina de Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Vernácula, nos cursos de formação de professores, organizados pelo Irmão Elvo Clemente,

o que comprova que, desde os primeiros cursos, sempre estive preocupada com a formação de professores.

Comecei a lecionar no curso de graduação em Letras, Português, Inglês, da PUCRS, em 1969, as disciplinas de Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa e de Lexicologia e Semântica e, na Pós-Graduação em Linguística e Letras, em 1970, as disciplinas de Introdução à Linguística, de Fonologia e de Morfologia da Língua Portuguesa.

Quando cheguei a São Paulo, no início de 1971 e procurei trabalho em alguma instituição de ensino superior, munida de meu currículo, todas já estavam com os quadros fechados para aquele ano letivo: só vim a ser aceita no ano de 1972, pela recém criada Faculdade Ibero-Americana (FIA), pelo Prof. Julio García Morejón, onde lecionei até 1975, Estilística, Linguística e Português, sendo Chefe do Departamento de Estudos Linguísticos (1972-1974) e tendo fundado o Cetra, 'Centro de Tradutores e Intérpretes', sob cuja égide convidei o grande tradutor e teórico da tradução, Paulo Ronai, para proferir uma conferência.

Nunca esquecerei, quando, reunidos em torno de uma mesa, para o almoço, ao comentar o quanto me emocionara ao assistir, na véspera, a um documentário sobre o levante do gueto de Varsóvia, durante a ocupação nazista, Paulo Ronai, sem proferir uma só palavra, dobrou a manga da camisa e mostrou, inscritos em seu antebraço, os números fatídicos: ele havia sido prisioneiro em um dos piores campos de concentração na Hungria e conseguiu escapar, graças à intercessão de um diplomata brasileiro, que o resgatou, por ter traduzido, pioneiramente, contos do português para o húngaro.

Ainda em 1972, promovi na FIA, o curso de extensão 'Expressão e Comunicação', inspirada pelos ensinamentos de Bühler, para o qual convidei, entre outros, Maria Duschénes e Antônio Cândido. Poucos sabem que, durante minha permanência no Estado de São Paulo, até meados de 1981 (morando, primeiro, na capital e, depois, em Campinas), frequentei, regularmente, o espaço encantador do andar inferior da casa, no bairro do Sumaré, onde Maria Duschénes comandava os grupos de improvisação de dança, conforme os preceitos de Laban: foi do que mais senti falta durante todo o resto de minha vida, quando me mudei para Florianópolis.

No ano de 1971, como estava sem trabalhar, aproveitei para fazer algumas disciplinas na Pós-Graduação em Linguística, oferecidas no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Viajava de ônibus, à noite, e chegava muito cedo ao Museu, em cujos degraus de entrada ficava lendo até que abrisse para as aulas. Das disciplinas que frequentei, a que contribuiu decisivamente para minha formação foi a de Sociolinguística, proferida por Brian Head.

Em 1972, matriculei-me no Curso de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sendo aceita diretamente no doutorado, sem o título de mestre, em virtude dos inúmeros créditos obtidos em disciplinas pós-graduadas. Escolhi a subárea de psicolinguística e, como orientadora, a Dra. Geraldina Witter, ferrenha defensora de Skinner, porém, de uma ética profissional invejável: nunca fez qualquer objeção ao meu posicionamento epistemológico oposto.

Em minha pesquisa, testei, a nível explanatório, os modelos de Chomsky (1965) e Fillmore (1968), aplicando medidas da filosofia das ciências, como a da previsibilidade e da simplicidade a seis gramáticas depreendidas de três *corpora* de uma criança aos 20m21d, 22m20d e aos 26m8d, constituindo 5530 enunciados, por mim transcritos foneticamente, inclusive, os padrões de entoação, seguidos, cada um, com a análise morfossintática e a glosa, além das falas dos adultos em transcrição canônica. Os três *corpora*, com as

análises, bem como as gravações estão disponíveis na Plataforma *CHILDES*, o maior banco mundial de dados de aquisição da linguagem.

Para verificar a fase de desenvolvimento da linguagem da criança, bem como a emergência da morfossintaxe e da componente semântica, utilizei as medidas sugeridas por R. Brown (1973) e M. Bowerman (1973): extensão média de enunciado (MLU), tipos de enunciado, número de ocorrências de tipos de enunciados, relação entre ocorrências e tipo, limite máximo de itens por enunciado, número de imitações, porcentagem de imitações, tamanho do léxico, número de substantivos, verbos, adjetivos, locativos e pronomes, morfemas gramaticais requeridos presentes e respectiva porcentagem. Outras classes computadas foram: cópulas, modalizadores, operadores pivotais, operadores discursivos, confirmativos, interjeições, onomatopeias e estereótipos. Os pronomes foram subclassificados em possessivos, demonstrativos e interrogativos.

Embora um dos membros da banca tivesse confessado que não entendera nada da tese e outro comentasse, para minha estupefação, que a tese não servia para nada (demonstrando desconhecer K. R. Popper (1978)), uma vez que eu falseara os dois modelos teóricos testados, fui aprovada com distinção.

Enviei os dois volumes da tese "A explanação linguística em gramáticas emergentes", junto com os dois volumes de Anexos, contendo os três *corpora* a Roger Brown. A carta que dele recebi constitui para mim o maior prêmio com que fui agraciada até hoje. Eis um trecho (trad. minha): "E uma grande emoção para mim toda a vez que tomo conhecimento de que alguém, em um outro país, realizou um estudo, testando a generalização dos resultados de "A first language". Não são muitos os que o realizaram de forma tão abrangente, inteligente e cuidadosa como você." (Roger Brown, 15/03/1977)

Tempos depois, recebi de T. Sebeok, que então coordenava a série de linguística, para a editora Mouton, o convite para adaptar a tese a livro, em inglês. Então, cometi a maior burrada: eu era coordenadora da Pós-graduação em Linguística da PUC de Campinas (ag. 1977 a jul. 1981) e estava em pleno processo de organizar a papelada para credenciá-la. Teria que me desvincular de tais funções para preparar a edição e optei por cumprir minhas obrigações no cargo de coordenadora. O Curso foi credenciado pela CAPES (Parecer 5179/78, de 28/08/78), com muitos elogios, mas eu perdi a oportunidade de publicar a tese pela Mouton. Logo após a minha demissão da PUCC, para assumir o cargo de Professor Titular, concursado, na UFSC, em agosto de 1981, o Curso de Pós-graduação em Linguística da PUCC foi fechado, sob a alegação de ser deficitário...

Fiz o meu doutorado sem bolsa, cursando as disciplinas a partir de março de 1972, realizando a coleta de dados em 1973, as leituras programadas e fichadas, a transcrição de dados, análises e elaboração dos capítulos a partir de 1973 até 1975 e parte de 1976. A defesa foi em 01/02/1977. Tive a satisfação de contar, entre os presentes, com a linguísta Mary Kato.

Trabalhava, dando aulas, primeiro, na Faculdade Ibero-Americana e, por indicação de uma de minhas alunas, casada com o Dr. Mangabeira, fui convidada a dar uma aula sobre aquisição da linguagem, para os professores e direção do Curso de Fonoaudiologia, subordinado ao Departamento de Otorrinolaringologia, da então Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, UNIFESP, como teste para fazer parte do corpo docente.

A aula agradou em cheio, mas estávamos em plena ditadura militar e, para assumir o cargo, teria que apresentar um Atestado de Bons Antecedentes, fornecido pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops). A minha ficha no Dops de Porto Alegre,

cujos dados eram remetidos a todas as Dops do país, era preta... Não consegui o tal Atestado e fiquei quase um ano sem poder dar aulas na EPM. Finalmente, consegui um Atestado no Exército, pois, aí não era fichada.

Comecei a ministrar a disciplina de Linguística no Curso de Distúrbios da Comunicação Humana, da Fonoaudiologia, em setembro de 1974, exercendo-a até minha demissão em julho de 1981 e desenvolvi a pesquisa "Aquisição de regras morfológicas no português na cidade de São Paulo", financiada pelo CNPq (2222.1530/77), orientando os alunos a elaborar e a aplicar um teste inspirado nas ideias de Jean Berko (1958), conhecido como o Teste WUG. Foi assim que eles se iniciaram na pesquisa e fizeram suas primeiras comunicações em encontros científicos, como aconteceu com Mara Behlau, no encontro da SBPC em Brasília.

De março de 1978 a dezembro de 1979, fui diretora científica do Centro de Estudos Fonoaudiológicos e, no primeiro semestre de 1979, lecionei no Curso de Pós-Graduação da Otorrinolaringologia, a disciplina de Linguística.

Em minha atuação na EPM, convidei renomados cientistas internacionais como Yvan Lebrun da *Vrije Universiteit* de Bruxelas, bem como se estabeleceu contato com o Prof. André Roch-Lecours, da Universidade de Montreal: alunos e professores do Curso de Fonoaudiologia da EPM, pela primeira vez, apresentaram comunicações em congresso internacional, como ao *5th International Congress of Applied Linguistics (AILA)*, realizado em Montreal, em 1978. Foi nessa ocasião que se estabeleceu uma colaboração com Roch-Lecours: adaptamos ao português o primeiro teste para pacientes afásicos e, depois, o Protocolo Montreal-Toulouse, Exame de Afasia, versão Alpha que, sob minha orientação, acabou sendo a dissertação de mestrado de A. M. S. Junqueira (1981), defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da PUCC.

Entre meus alunos da EPM, os quais também orientei, fiz amizades duradouras, como Ellen Osborn e Luiza de Arruda Nepomuceno.

Através de um amigo comum, Jurgen Heye, travei contato com a fonóloga Marianne Esztergar, então Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da PUCC, uma das pessoas mais inteligentes que conheci: ela foi orientanda de S. A. Shane e introduziu a fonologia gerativa no Brasil. Antes mesmo de eu ter defendido minha tese de doutorado, ela convidou-me para ministrar Psicolinguística.

Esse período de dez anos, de início de 1971 a meados de 1981, foi um dos mais profícuos de minha vida, mas também aquele em que sofri o maior golpe, a perda de minha irmã Esther Scliar. Além do doutorado na USP, realizei, através das cartas de recomendação de minha orientadora, Geraldina Witter, em fevereiro e março de 1973, estágio no Royal National Throat Nose Ear Hospital, em Londres, a fim de conhecer e aplicar baterias para diagnosticar distúrbios de linguagem (EPVT (Testes de produção de vocabulário), o Teste Reynell (Escala Reynell de Desenvolvimento da Linguagem para diagnosticar precocemente atrasos em compreensão e produção da linguagem)), bem como assisti, na *University of London*, aos seminários proferidos por D W. Green sobre 'Psycholinguistics'; por Angela Hobsbaum, sobre 'Child Development' e de Robert Fawcus sobre 'Disorders of Development Assessment Remediation' ao qual apresentei a monografia 'ITPA (Teste de Capacidades Psicolinguísticas Illinois) Analysis'.

Ao retornar a São Paulo, esses estudos me permitiram elaborar a *Bateria de Recepção e Produção da Linguagem Verbal* (SCLiar-CABRAL, 2003b, p. 119-250), usado na EPM, depois de aplicá-lo em 100 sujeitos.

Em 1976, como *Visiting Schollar*, cursei em nível de especialização, três disciplinas, no Instituto de Verão da *Linguistic Society of America (LSA)*: *Acoustic Phonetics*, com M. Studert-Kennedy, *Introductory Semantics*, com a discípula preferida de R. Jakobson, L. Waugh e *Psycholinguistics* por S. Straight. Esse último propiciou-me um texto precursor da neurociência da linguagem (D'AQUILLI, 1973). Ao aprofundar os conhecimentos sobre a cadeia da fala e, em consequência, sobre os efeitos da coarticulação, demonstrando a interdependência dinâmica entre os sinais adjacentes, Studert-Kennedy evidenciou os dados empíricos para entender uma das principais dificuldades na alfabetização: como desmembrar a sílaba em suas unidades constituintes.

Nesse período, os últimos cursos em nível de pós-graduação que efetuei foram no *Linguistic Summer Institute*, na *Tokio Christian University (TCU)*, onde C. Snow da Harvard University lecionou a disciplina de *Social Interaction and Language Acquisition*, K. Butler da UCLA, *Neurolinguistics and Colmmunicative Disorders* e Y. Lebrun, *Neurolinguistic Approaches to Language Disorders*.

Em 1980, com bolsa do CNPq (201084-79), realizei meu pós-doutorado, no Laboratório de Fonética do Departamento de Filologia e Linguística da Universidade de Montreal, sob a orientação de Alain Marchal. A pesquisa consistiu em análises sonográficas de enunciados especialmente estruturados. O propósito de tais investigações foi coletar dados para uma sondagem inicial da realização dos fonemas do português brasileiro de forma contrastiva, Objetivei, igualmente, proporcionar material em língua portuguesa para o ensino da fonética acústica, de que, então, carecíamos no Brasil. Baseei-me na teoria dos traços distintivos de Roman Jakobson (1968), por apoiar-se mais nas propriedades acústicas, sem deixar de lado os aspectos perceptuais e fonético-articulatórios. Quanto ao método, serviram de sujeitos para as gravações dois informantes, uma mulher e um homem pertencentes à mesma variedade sociolinguística do português, com gravações realizadas em cabine com total isolamento acústico, usando o sonógrafo 6061-B. Foram gravadas 42 frases, por mim construídas, cada uma delas contendo palavras cujos segmentos contrastavam os traços acústicos. A monografia fez parte dos requisitos ao concurso para prof. titular na UFSC e foi recentemente publicada como capítulo de livro (SCLIAR-CABRAL, 2020)

Visitei o Bell Labs., quando conheci O. Fujimura, mais uma influência decisiva: recordo-me de que abriu uma gaveta de seu armário de aço e cedeu-me muitas de suas publicações, preciosidades sobre fonética acústica.

Em minha visita ao Haskins Labs., fui recebida pelo diretor, A. M. Liberman, que detalhou as pesquisas dele e da esposa, I Y, Liberman, sobre os princípios dos sistemas alfabéticos, cujas publicações foram a alavanca para que, anos depois, eu realizasse a descrição exaustiva e pioneira das regras de decodificação dos grafemas em fonemas e de codificação dos fonemas em grafemas do português brasileiro (SCLIAR-CABRAL, 2003a). Na mesma ocasião, tive encontros demorados com D. S. Shankweiler, D. H. Klatt e revi meu inesquecível professor, M. Studdert-Kennedy. Klatt me introduziu ao seu modelo LAFS (1979), ou seja, a análise fonético-acústica e de acesso lexical que utilizei, em nível explanatório, analisando espectrogramas extraídos de uma amostra obtida em 30 sujeitos de 6 a 6;11; 7 a 7;11 e 8 a 8;11 meses, pertencentes a NSEB, na cidade de São Paulo, sendo controlada a variável maturidade psicológica, através dos testes Wisc e Pfister. O instrumento para constituir o *corpus* foi adaptar a técnica Berko (1958), pois as pseudopalavras foram inseridas em uma história.

Na década de 70, foram inúmeras as apresentações efetuadas em eventos no exterior: *Acquisition of phonological rules and psychological maturity* e *The relationship between communicative and linguistic stimulation and the category of displacement* (c/ Maria Selma Pereira) 5th International Congress of AILA, Univ. Montreal, 1978; *Comparing Spatial Categories through Linguistic and Pictorial Systems* (c/ Ana Maria Baccari Kuhn), 1st International Congress for the Study of Child Language, ICU, Tóquio, 1978; *Acquisition of Rules of Noun Number and Verbal Metaphony in a Portuguese Dialect* (c/Márcia T. Costabile Massoti e, Márcia M. Gimenez Roldan), 12th Internationaler Linguisten Kongress, Univ. Viena, 1977; *Learning how to tell like it is* (sendo Carol Stoel Gammon a apresentadora), *Child Language Research Forum*, Univ. Stanford, 1977.

Mas a mais importante delas foi *Emergence of the Reportative Function* (c/ Carol Stoel Gammon), ao 4th International Congress of Applied Linguistics, Stuttgart, 1975. Trata-se da análise, aplicando a teoria de Fillmore (1968) de um micro-corpus de dezenove enunciados com uma unidade temática, produzidos por um menino, com 23 meses e 21 dias: ele narra um episódio que muito o impressionou enquanto está sendo vestido pela cuidadora, diante da pesquisadora. O corpus integra a coleta, realizada em um berçário, de 16 crianças, a partir dos 18 meses e durou 7 meses. Os dados foram todos transcritos, por mim, foneticamente. Essa pesquisa piloto antecedeu a coleta definitiva de uma só criança, na residência, em três cortes longitudinais, para a tese de doutorado.

Em agosto de 1981, transladei-me para Florianópolis, onde assumi o cargo de Professor Titular em Linguística, na UFSC e onde vivo até hoje. Completo, pois, em 2021, 40 anos de residência. Havia me separado em 1978, mas o convívio muito próximo com meus familiares cada vez mais cresceu: tenho sete netos e cinco bisnetos. Continuei me dedicando à pesquisa, ensino e extensão, mesmo depois que me aposentei, em 1996, como professor voluntário.

Em 1982, durante a 1^a Conferência Internacional da Comissão de Psicolinguística, da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), organizada pelos Profs. Tatiana Slama-Cazacu e Renzo Titone e realizada em Milão, em 1^o de novembro de 1982, foi fundada a Sociedade Internacional de Psicolinguística Aplicada (ISAPL), pelo seguinte Comitê Fundador (além dos organizadores do evento): Els Oksaar (Alemanha Ocidental), Wilga Rivers (EUA); A. A. Leontjev (URSS); Hans W. Dechert (Alemanha Ocidental); Miguel Siguan Soler (Espanha); J. Bronckart (Suíça); D. Bruce (Reino Unido); J. Kess (Canadá); J. Prucha (Checoslováquia); L. Scliar-Cabral (Brasil); A. Tabouret-Keller (França). Fui eleita Presidente (1991-1994), no Congresso de Toronto e reeleita, no Congresso de Bolonha-Cessena (1995-1995). Com a Prof.a Maria da Graça Pinto, da Universidade do Porto, fomos eleitos Membros Honorários. Desde abril de 1991, sou a editora-chefe do *ISAPL Bulletin* que, com algumas interrupções, é publicado duas vezes por ano.

Em Florianópolis, muito influenciada por meu grande amigo, o artista plástico e poeta Rodrigo de Haro, retornei à criação literária, tendo publicado inúmeros livros de poemas, entre os quais destaco *Sagração do Alfabeto* (SCLIAR-CABRAL, 2009), finalista do Prêmio Jabuti, na categoria de poesia, bem como de tradução poética do barroco espanhol, de Borges e do cancionero sefardita.

Desde 2007, preocupada com os altos índices de analfabetismo funcional, no Brasil, concluí que a melhor forma de erradicá-lo é através de uma alfabetização de qualidade, fundamentada nos avanços das ciências que se ocupam da linguagem verbal e criei o Sistema Scliar de Alfabetização. Dedico-me, nos anos que me restam, à formação

continuada dos educadores que operam no 1º e 2º anos do Ensino Fundamental da rede pública, com ênfase nos estados do nordeste.

Não poderia deixar de mencionar, nesse memorial, que foi no início da década de 70, que conheci, no apartamento no Rio de Janeiro de minha irmã Esther, uma jovem apaixonada pelos estudos da linguagem, Eleonora Cavalcante Albano. Ela foi e continua sendo a minha grande interlocutora: mesmo distante, nos Estados Unidos, amparou-me, por telefone, quando recebi o maior golpe de minha vida, a perda de minha irmã, em 1978.

Referências

- BERKO, J. The Child's Learning of English Morphology. **Word**, v. 14, n. 2-3, p. 150-177, 1958.
- BILAC, Olavo. *Através do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2000, 432 ps.
- BOWERMAN, M. **Early syntactic development** – A cross-linguistic study with special reference to Finish. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1973.
- BROWN, R. **A first language**. The early stages. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1973.
- BÜHLER, K. **Teoría del Lenguaje**. Trad. Julián Marias. **Rev. del Occidente** (Madrid), 1950.
- CASSIRER, E. **An essay on man** – An introduction to a philosophy of human culture. Garden City, NY: Doubleday Anchor, s/d.
- CHAUCHARD, P. **A Linguagem e o Pensamento**. São Paulo: DIFEL, 1957.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.
- D'AQUILI, E. G. The biopsychological determinants of culture. **An Addison-Wesley Module in Anthropology**. Reading, Mass.: Addison-Wesley, 13, 1973.
- FALCÃO UCHOA, C. E. **Dispersos de J. Câmara Jr.** Nova edição revista ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E. e HARMS, R. T. (eds.), **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Reinhart e Winston, 1968, p. 1-88.
- JAKOBSON, R. Linguistics and Poetics. In: **Language in Literature**. Boston: Harvard Univ., 1987.
- JAKOBSON, R. **Child language, aphasia, and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1968.
- JUNQUEIRA, A. M. S. Adaptação do exame de afasia M1 Alpha ao português. 1983. Dissertação (Mestrado em Psicolinguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1983.
- KLATT, D. H. Speech perception: a model of acoustic-phonetic analysis and lexical access. **Journal of Phonetics**, v.7, n. 3, p. 279-312, jul.1979.
- MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Trad. de MORAIS-BARBOSA, J. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964.
- MATTOSO CAMARA JR., J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- MATTOSO CAMARA JR., J. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1964.
- MATTOSO CAMARA JR., J. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- NEPOMUCENO, L. de A. A Influência da Alfabetização nas Capacidades Metafonológicas em Adultos. 1990. Tese (Doutorado em Psicolinguística) – Departamento de Otorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.
- POPPER, K. R. **A lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística General*, publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad., prólogo e notas por Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 4. ed., 1961.

SCLIAR-CABRAL, L. Sonogramas de enunciados português brasileiro. In: ALMEIDA CASTRO, L. H., CARVALHO MORETO, F. V. de e TEIXEIRA PEREIRA, T. (orgs.) **Problemas e Oportunidades da Saúde Brasileira**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, e-book, v. 7, p.118-127.

SCLIAR-CABRAL, L. **Sagração do Alfabeto**. Ilustrações de Rodrigo de Haro. Trad. para o esp. W. C. COSTA; para o fr. M.-H. C. TORRES; para o ing. A. LEVITIN; para o hebr. N. SILVERMAN-FORNER. São Paulo: Scorteci, 2009, p. 174.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003a.

SCLIAR-CABRAL, L. Bateria de Recepção e Produção da Linguagem Verbal. In: **Guia Prático de Alfabetização** - baseado em Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003b, p. 119-250.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à Linguística**. 7. ed. rev. Porto Alegre: Globo, [1973] 1982.

SCLIAR-CABRAL, L. O modelo LAFS de processamento acústico. Comunicação ao **1º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia**, Florianópolis: UFSC, 30/08/1984, às 16h.

SCLIAR-CABRAL, L. **Em busca da poesia**. Porto Alegre: Centro de Estudos da Língua Portuguesa, PUCRS, 1967a.

SCLIAR-CABRAL, L. A linguagem como traço de humanização. **Convivium**, v. 10, n. 4, p. 47-58, 1967b.